



Veneno a la carte: intervenção urbana de ativismo agroecológico em Alagoas *Poison a la carte: urban intervention of agroecological activism in Alagoas*

SANTOS, Igor Henrique Araújo¹; RAMALHO, Ayodhya Cardoso¹; SANTOS, Leandro Lima Casado dos^{1,2}; DUDA, João Itácito de Moraes¹; CARDOSO, Van Giap Ramalho¹; CAVALCANTI, Ricardo Luiz Rocha Ramalho¹

¹ Instituto Terraviva, ayodhyaramalho@gmail.com, leolima_adv@hotmail.com, joaoitacito@gmail.com, ojuara.igorhenrique@gmail.com, vangiap@hotmail.com, itviva@uol.com.br; ² Faculdade de Ensino Regional Alternativa.

Eixo temático: Cultura popular, arte e agroecologia

Resumo: Apesar de possuir elevada agrobiodiversidade, com amplo destaque a nível mundial. Lastimavelmente, o Brasil ocupa o primeiro lugar entre os países que permitem o uso de agrotóxicos, superando a média de 5 quilos dessas substâncias consumidos por brasileiro/ano. Preocupado com a saúde humana e a salubridade dos ecossistemas, o Instituto Terraviva realizou uma intervenção ativista em duas cidades de Alagoas para provocar, sensibilizar e despertar a população alagoana sobre os riscos da contaminação dos agrotóxicos nos alimentos, garantindo a divulgação de sistemas de produção de alimentos sustentáveis, que promovem a segurança e soberania alimentar das pessoas com a adesão de novos atores sociais nos espaços de discussão e fomento na busca por uma alimentação saudável. A realização deste projeto possibilitou, também, o recolhimento de 386 assinaturas para a petição on-line #ChegaDeAgrotóxicos, oriunda da campanha nacional para a aprovação da Política Nacional de Redução de Agrotóxicos.

Palavras-Chave: agrotóxico; produção orgânica; segurança alimentar; sustentabilidade.

Keywords: agrochemical; organic production; food safety; sustainability.

Contexto

No Brasil, as contribuições do setor agropecuário têm se tornado cada vez mais importante para o PIB (Produto Interno Bruto), devido as grandes safras de produção agrícola de culturas como a soja, milho e cana-de-açúcar (IPEA, 2017). Porém, essas altas produções têm um alto custo direta e indiretamente ao meio ambiente e aos consumidores, implicando em um péssimo reconhecimento a nível internacional, pois desde 2010 somos os “campeões mundiais de uso de agrotóxicos”, com uma média que supera a média de 5 quilos dessas substâncias consumidos por brasileiro/ano (CARNEIRO, 2015).

Merece destaque as seguintes características desse sistema hegemônico: a utilização de grandes faixas de terra; emprego de maquinário altamente especializado e aparatos tecnológicos específicos em todas as fases de manejo, incorporação de novas características em sementes através da transgenia e utilização de agentes químicos sintéticos nos processos de fertilização do solo, controle de insetos e doenças, maturação de frutos e mecanização da colheita. Todas essas ferramentas, quando utilizadas de maneira incorreta em seu manejo, já podem trazer consequências a curto, médio e longo prazo, tanto para o ecossistema, como para a



população humana que apenas observa a deterioração dos recursos naturais pelo agronegócio (PESSOA & RIGOTTO, 2012).

Dentre essas características, um item em específico tem tomado maior atenção: agrotóxicos. Devido seus elevados níveis de consumo causados, principalmente, pelo manejo inadequado, com excesso de doses aplicadas e valores excessivos as recomendações (CARNEIRO, 2015). O Brasil se destaca no cenário mundial como o maior consumidor de agrotóxicos, respondendo, na América Latina, por 86% do mercado de consumo desses produtos (IBGE, 2010), gerando grande preocupação, pois o consumidor tem acesso a alimentos com níveis desconhecidos de agrotóxicos utilizados na lavoura. A falta de conhecimento sobre a qualidade do alimento gera uma situação de insegurança alimentar, comprometendo a saúde da população (PESSOA & RIGOTTO, 2012).

Os riscos envolvidos com a contaminação por agrotóxicos, seja para o meio ambiente, através da contaminação do solo e água, ou para a saúde humana, com a ingestão de substâncias carcinogênicas/cancerígenas, reflete numa conjuntura de incertezas quanto a qualidade do alimento disponível para a população (BORSOI *et al.*, 2014). Outros modelos de produção de alimentos vêm sendo construídos, tanto em área urbana como rural, por organizações da sociedade civil, profissionais, acadêmicos e órgãos governamentais, afim de ter alternativas sustentáveis que garantam a manutenção do mercado de consumo de alimentos pela população em todos os níveis, com garantia de qualidade e disponibilidade (CAPORAL & COSTABEBER, 2015).

Assim, ações se fazem necessárias para uma transição de modelo de produção eficiente: é necessário garantir uma diminuição nos impactos do uso dos agrotóxicos pelo mau uso, além de uma maior conscientização da população quanto a real situação, para que se possa cobrar das entidades cabíveis ações concretas para estimular a diminuição de consumo; promover e divulgar alternativas viáveis de produção e consumo de alimentos livres de contaminação por agrotóxicos (CARNEIRO, 2015).

Dessa forma, pensando em somar esforços nesse sentido, propõe-se, paralelamente à comemoração da Semana Nacional do Alimento Orgânico (28/05 a 04/06/2017) e do Dia Nacional do Meio Ambiente (5 de junho de 2017), uma atividade de sensibilização dos consumidores através de intervenção em espaços públicos na cidade de Maceió – Alagoas.

Descrição da Experiência

A intervenção artista agroecológica, foi realizada pelo Instituto Terraviva, no ano de 2017, em duas das principais cidades do estado de Alagoas. De caráter marcadamente engajado e direcionado a interferir sobre as escolhas alimentares dos alagoanos, o Projeto teve por finalidade provocar o público para as questões políticas, sociais, ambientais e de saúde humana que giram em torno do uso de agrotóxicos



para a produção de alimentos. Este trabalho convida à interação e se insere na paisagem da cidade. A intervenção se deu da seguinte maneira: diante de um cardápio de saladas tropicais, os transeuntes eram convidados por uma atriz (a qual atuou na garçonne de um restaurante requintado), a sentar-se à uma mesa disposta com duas cadeiras, em espaços públicos de grande circulação de Maceió (Centro, Shopping, Orla). Com muita simpatia e em um cenário que simula uma proposta de gastronomia *gourmet*, a garçonne oferece o *Menu* que contém as opções de pratos criados com frutas e legumes amplamente consumidos em Alagoas, acompanhadas por fotografias apetitosas e estímulo ao sabor.

No entanto, o que ocorre, é que na coluna da tabela de preços, ao invés da valoração econômica de cada prato, os convidados se deparam com os níveis de contaminação dos ingredientes presentes no *Menu* e são lançados à escolha do prato que melhor lhes convir. Nesse momento, espera-se uma primeira transformação ou reação do público no plano físico, intelectual ou sensorial sobre a qualidade das refeições que consomem. Durante a justificativa da escolha do prato, a atriz legitima a ótima escolha feita pelos pseudo-clientes, a partir de informações adicionais sobre os produtos químicos sintéticos frequentemente utilizados na agricultura brasileira, tais como fertilizantes químicos sintéticos e agrotóxicos altamente prejudiciais para a saúde humana e para o meio ambiente; além de enaltecer os organismos geneticamente modificados que constituem o prato a ser servido.

Diante dos objetos corriqueiros de um restaurante clássico sendo dispostos à mesa (taças, talheres, guardanapo de pano), a artista introduz um elemento imprevisto e transforma a mesa em um arranjo inusitado: traz sobre a bandeja, máscaras de proteção para aplicação de agrotóxicos, desvirtuando sua funcionalidade e provocando um estranhamento no público. É quando, então, a segunda personagem – a chefe de cozinha – adentra a cena para servi-los pessoalmente e o seu figurino é composto por um manto preto, uma foice e um pulverizador de veneno vestido como uma mochila às costas. Ou seja, a representação do “Anjo da Morte”. A nova atriz caracterizada de “Anjo da Morte” entra em silêncio, os serve, os borrifa (com água) e sai de cena. A partir de então, resta o improviso das atrizes para lidar com as reações e transformações no comportamento, concepções e percepções dos indivíduos envolvidos.

Toda a ação foi registrada por meio de fotografia e audiovisual, que ao longo de semana, subsidiaram a campanha virtual do Instituto Terraviva a favor da agroecologia, nas redes sociais da organização. Com as tomadas do vídeo, foi produzida uma peça institucional sobre a temática, com circulação permanente na internet, em sites, blogs, canal de YouTube e rede de parceiros. Ademais, foi realizada a fixação de cartazes no modelo lambe-lambe nos postes localizados na área de entorno do evento, elaboração de imãs de geladeira e material gráfico de comunicação para serem distribuídos aos transeuntes gratuitamente, ao longo da intervenção. Chamadas de voz, entre uma seção e outra, também foram feitas com o megafone, quando foram coletados os e-mails daqueles que contribuíram com a petição para a aprovação da Política Nacional de Redução de Agrotóxicos (vide <http://www.chegadeagrototoxicos.org.br>).



Cada intervenção teve a duração de aproximadamente 2 horas por edição, realizadas no período de 05 a 11 de junho de 2017, em pontos centrais de comercialização de alimentos da cidade de Maceió e Arapiraca. O Instituto Terraviva ainda estimulou coberturas jornalísticas do Município através de envios de releases, além das mídias alternativas, buscando uma maior disseminação da ideia e mobilização à causa.

Resultados

Valendo-se de estratégias do campo das artes cênicas para criar um componente de subversão ou questionamento sobre normas convencionais de produção agrícola brasileira, a Proposta foi um alerta de ativismo, por onde o Instituto Terraviva pretende, de uma maneira ou de outra, fazer com que as pessoas parem sua rotina por alguns minutos: seja para questionar, criticar ou simplesmente contemplar a encenação que defende sistemas mais sustentáveis de agricultura em Alagoas.

Entre os resultados imediatos do Projeto estão: 1) interrupção do curso normal do cotidiano da cidade de Maceió, através da surpresa, do humor, da ironia, da crítica, do estranhamento; b) reflexão mais acessível ao público e, ao mesmo tempo, desestabilizadora sobre os efeitos nocivos do uso de agrotóxicos, seja para saúde humana, seja pela contaminação dos recursos naturais; c) sensibilização dos transeuntes pela escolha do consumo de alimentos agroecológicos; d) engajamento da mídia jornalística e das redes estaduais de saúde alimentar e meio ambiente, ampliando as proposições políticas de estratégias sustentáveis na agricultura alagoana; e) mobilização de parceiros, militantes e estudantes por mais intervenções de ativismo pela causa agroecológica, incipientes em Alagoas; f) ampliação do número de assinantes da petição on-line #ChegaDeAgrotoxicos pela aprovação da Política Nacional de Redução de Agrotóxicos.

Forma realizadas três intervenções em Maceió: rua fechada na orla marítima da praia de Ponta Verde, Centro da cidade (Calçadão) e Shopping Pátio Maceió. Além dessas, e atendendo a uma sugestão do próprio parecerista à época a CESE, levamos duas edições para Arapiraca, que é um município onde o Instituto Terraviva possui grande inserção de projetos anteriores. A finalidade das intervenções foi alcançada, pois, de forma inusitada e criativa, foi promovido o acesso à informação e conscientização da população sobre os riscos da contaminação dos agrotóxicos nos alimentos, garantindo a divulgação de sistemas de produção de alimentos sustentáveis, que promovem a segurança e soberania alimentar das pessoas com a adesão de novos atores sociais nos espaços de discussão e fomento na busca por uma alimentação saudável.

A realização deste projeto possibilitou o recolhimento de 386 assinaturas para a petição on-line #ChegaDeAgrotóxicos, oriunda da campanha nacional para a aprovação da Política Nacional de Redução de Agrotóxicos (PRONARA). Essas assinaturas foram postadas e, através de contato com a equipe produtora desta campanha, o projeto será divulgado no site da campanha.



Agradecimentos

Agradecemos pelo apoio dado pelo do CESE através do Programa de Apoio a Pequenos Projetos.

Referências bibliográficas

BORSOI, A.; SANTOS, P. R. R. dos; TAFFAREL, L. E.; GONÇALVES JUNIOR, A. C. (2014). **Agrotóxicos**: histórico, atualidades e meio ambiente. Acta Iguazu, Cascavel, v. 3, p. 86-100.

CARNEIRO, F. F. (2015). **Dossiê ABRASCO**: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular.

CAPORAL, F. R. & COSTABEBER, J. A. (2015). **Agroecologia**: conceitos e princípios para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis. *In*: NOVAES, H.; MAZIN, A. D.; SANTOS, L. (2016) Questão agrária, cooperação e agroecologia. 2. ed. São Paulo: Outras Expressões.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Informação Geográfica número 7: indicadores de desenvolvimento sustentável – Brasil 2010. Rio de Janeiro.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2017). **Economia agrícola**. Carta de conjuntura, n. 37, 4º trimestre de 2017. IPEA: Brasil.

PESSOA, V. M., RIGOTTO, M. R., (2012). **Agronegócio**: geração de desigualdades sociais, impactos no modo de vida e novas necessidades de saúde que fazemos rurais. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional [online], 37 (junho).